

# Conflagração europeia

*Conceição Pires, na conferencia subordinada ao titulo — Origem exacta e desideratum possível da conflagração europeia, que, ha semanas, fez no Centro Antonio José d'Almeida, começou por mostrar o formidavel desmentido que a nossa epoca vem opondo ao consolador aforismo huguesco — «Abre-se um r escola, fecha-se uma prisão»; — classificando depois em tres grupos as opiniões manifestadas sobre as origens do espectáculo horroroso que se desenrola no centro esropeu da civilização e do progresso, segundo a investigação, o snobismo ou a facção politica em que teem praça assente os manifestantes, expôs o parecer de Hannotaux, e de passagem protestou contra o erro de certas gazetas que teem denominado «guerra da barbaria contra a civilização» a investida austro-alemã contra as nações aliadas, a qual apelidou de investida do espirito militarista contra o espirito da Revolução Francesa — os Direitos do Homem; em seguida, acompanhando Bastiat, Arnould, Mackay, Ihering e Ramalho, analysou a função que exerce nas soeiedades civilizadas o Estado, essa entidade abstracta, essa ficção, essa especie de Providencia, que para a politica é, como o Ente Supremo para a religião, quem tudo vê e determina, quem tudo observa e julga; e, feita essa analyse, demonstrou com Hamon o que é uma patria e como as patrias se teem constituido, proseguindo na sua interessante exposição até final, do modo e nos termos que se seguem.*

Já vimos, com Mr. Hamon, que a ideia de patria é uma coisa vaga, imprecisa, indeterminada; mas, um grande numero de individuos, embora ilustrados, com ideias preconcebidas, aceitando o actual *statu quo* como um facto consumado e indestructivel, ou sem orientação que os guie, concebem as patrias e o patriotismo, tais como lhes foram ministrados nas escolas segundo os compendios consagrados; isto é, patrias arbitrarías, com a arbitraría demarcação das suas fronteiras, de que é um exemplo curioso a vizinha Espanha: um agregado, pela violencia, pelo massacre e pela rapina, de uma porção de provincias, outrora reinos subjugados pelos reis de Castela, provincias cujas populações são tão dissemelhantes, tão heterogeneas, tão inamalgamaveis, que, sendo de raças diferentes, cada uma delas conserva, se bem que um pouco degenerada pelo cruzamento, o tipo primitivo, os usos, costumes, trajos e dialecto primitivos, de fórma que um catalão não comprehende um biscainho, um andaluz só pôde entender-se com um vasconço auxiliado por um interprete, etc.; em compensação, existe harmonia completa em usos, costumes, trajos e linguagem, entre um galego e um habitante

da margem esquerda do rio Minho ; isto é, dois individuos de patrias diferentes.

A respeito de patriotismo, diz o illustre economista russo Novicow :

«No dominio economico não ha estrangeiros nem compatriotas ; ha sómente bons e maus negocios ; os individuos que fazem os primeiros enriquecem, os que fazem os segundos empobrecem. Quando um grande numero de pessoas realiza especulações lucrativas, a riqueza geral de um país aumenta ; mas pouco importa com quem elas se realizam, com um patriota ou com um estrangeiro. Se somos roubados pelo nosso proprio irmão, não impede o facto que se não sofra um prejuizo.»

Tal como êle é concebido — por hipnotismo ou suggestão — desde a infancia até á segunda adolescencia, o patriotismo é tanto mais intenso quanto mais numerosas são as tradições — aquellas a que ha pouco me referi pois que não ha outras — dos povos hipnotizados ; facto que me leva a esta conclusão : «felizes os povos que não teem tradições».

A republica de Andorra, por exemplo, — 100 kilometros quadrados de territorio e 19.000 habitantes de população, — a republica de Andorra, não consta que tenha organizado, em tempos idos, nenhuma flotilha para navegar em *mares nunca dantes navegados* ; por consequencia, não tendo tambem, que nos conste, conquistado a Espanha ou França, não deve ter tradições ; entretanto, tendo sempre presente aquella maxima moral e politica, principalmente moral, lançada pela diplomacia europeia — «Se queres a paz, prepara-te para a guerra» — a republica de Andorra está prevenida para qualquer eventualidade, com o efectivo de 1.500.000 soldados de... chumbo, armados e equipados.

Sabe-se que outras republicas lhe estão imitando o exemplo, com esta diferença apenas : menos numeroso o efectivo, deve custar algumas dezenas de milhares de escudos da nossa moeda.

Ora, a maxima diplomatica, como tudo o que sai das chancelarias, é um tanto ou quanto confusa e, por tanto, suspeita ; motivo por que precisa ser esclarecida, o que me proponho fazer, segundo a interpretação que me transmitiu um cavalheiro muito sabedor, uma especie de Champollion na decifração dos hieroglifos diplomaticos.

Traduzida em vulgar, eis a letra, o espirito da maxima diplomatica :

O continente europeu é uma vastissima caverna de ban-

didos, onde se planeiam os crimes de toda a especie, desde o massacre dos povos até á pirataria, terrestre e marítima.

«Nós, patria X — uma qualquer, o nome não importa — se a ocasião se proporcionar, anexaremos ao nosso o territorio do vizinho da direita, que vive na lua cantando versos sentimentais ao som da lira de Anacreonte; mas como o vizinho da esquerda é muito competente para nos fazer partida igual, é preciso olho vivo e pôr a carteira no seguro.»

Mais palmo, menos polgada, deve ter sido esta a filosofia que, desde 1871 a 1914, não deixou um só momento de torturar Guilherme II e o seu estado maior.

«Felizes os povos que não tem tradições», disse eu ha pouco. Felizes porque sendo de chumbo os seus exercitos e de cascas de nozes os seus couraçados, resulta, para os seus orçamentos, a correspondente economia; mas tem ainda outras vantagens, como vamos ver no exemplo do principado de Monaco—21 kilometros quadrados e 12.548 habitantes — onde o amor do povo pela mãe patria é um sentimento unanime, aliás justificado.

O amor da patria, não segundo a concepção do falecido escultor Calmels, mas tal como o concebe o sr. Mayer Garção — mil e trescentos escudos anuais pela assinatura do ponto nos dias uteis—seria, em Monaco, a realização do supremo ideal de alguns dos politicos mais cotados do nosso país, no momento actual.

Como é sabido, o regimen vigente em Monaco não tem restrições em materia de liberdades, principalmente a que concede ao cidadão o plenissimo direito — o mais apreciavel de todos — de dispor da sua fortuna pela fôrma que julga mais conveniente — que só pôde ser, necessariamente, a *batota* — e esta outra, não menos apreciavel, a de poder alogar uma bala na cavidade craneana vasia de miolos.

Estes dois factos, por si sós, dão a medida do sentimento patriótico que caracteriza os subditos do soberano que reina em Monaco; calcule-se agora a adoração do povo pelo seu principe, atendendo a que está isento de concorrer para as despesas do Estado, cuja receita é unica e exclusivamente o producto da cobrança do imposto sobre a *batota*, sendo dessa mesma receita o custeio da lista civil da familia reinante.

Isto sucede nos países que não tem tradições.

Ora, a Alemanha não é isenta de tradições, e a epopeia napoleonica, isto é, a serie das brutais invasões do famigerado corso em toda a Europa, de que Waterloo foi o epilogo, hi-

pnotizou por tal fôrma a raça germanica, insultada por aquele, que o actual chefe supremo dessa raça, possuido do delirio da suprema omnipotencia e convencido de ter de cumprir uma missão historica, imposta pela hegemonica cerebração dos sessenta milhões dos seus subditos, pressentindo que havia chegado o momento psicologico, manda avançar as suas hostes, que, como um furacão, transpõem a fronteira e invadem a Belgica, onde não esperam resistencia, contando atravessar a França para entrarem em Paris.

Que tem de extraordinario este facto? Não é ele a repetição, pela milésima vez, — em proporções mais vastas, seja — do episodio que constitue os fastos gloriosos, as tradições heroicas das patrias, de Alexandre, de Anibal, de Julio Cesar, do Cid, de Carlos Magno, de Afonso d'Albuquerque, cantados nos poemas epicos?

Que invadindo a Belgica, o Epileptico estropeado violou um tratado a que tinha ligada a sua assinatura! — argumenta-se.

Um chefe predestinado, encarregado de cumprir uma missão historica, não pôde prender-se com essas bagatelas! E de mais, que lhe atire a primeira pedra a nação guerreira que o não tenha precedido na prática da mesma felonía.

As atrocidades cometidas na Belgica e na parte do territorio francês invadido são a repetição das selvagerias praticadas em todas as guerras, desde que o homem, saído da animalidade em que lutava defensivamente contra as feras, entrou na civilização para empreender a lucta, colectivamente, não contra os seres inferiores na escala zoologica, mas contra o seu semelhante, em agrupamento, para o roubar e escravizar.

Demonstrando que na guerra o soldado perde todos os sentimentos nobres que são apanagio da nossa especie, que o cheiro do sangue desperta nele o instincto atavico com todo o cortejo dos seus maleficios, as atrocidades cometidas pela soldadesca alemã não são nem mais nem menos execraveis do que as praticadas pelas hostes guerreiras de todos os países; as de agora em mais larga escala pela simples razão de que em guerra alguma do passado entraram forças tão numerosas como na guerra actual.

A indignação, que na imprensa aliada e neutra explodiu com o incendio de Louvain, atingiu o cumulo, a maxima intensidade, quando as primeiras granadas desmantelaram as torres da cathedral de Reims.

Mas, senhores plumitivos, cuja sensibilidade sómente as

coisas inanimadas conseguem despertar, abram a historia e digam-me o que é feito da biblioteca de Alexandria, onde estava depositada toda a sabedoria do seculo V, antes da era cristã? Que é feito da Acropole, onde, entre outras, se elevava a mais bela joia da architectura grega — o Parthenon? Ruinas! E o Coliseu e o Capitolio? Ruinas! E da Alhambra, essa maravilha do genio arabe? Ruinas! Sempre ruinas! Ruinas por toda a parte!

Ruinas por toda a parte! Eis o espectáculo desolador que encheu de melancolia aquelle fino espirito que se chamou Volney, e que lhe inspirou o seu incomparavel livro: — «Meditações sobre as Revoluções dos Imperios».

«Prestando toda a minha atenção, — escreve o grande pensador — sobre o que diz respeito á felicidade dos homens no estado social, entrei nas cidades e estudei os costumes dos seus habitantes; penetrei nos palacios e observei a conducta dos que governam; afastei-me para os campos e examinei a condição dos homens que cultivam; e por toda a parte, não vendo senão banditismo e devastação, tirania e miseria, o meu coração estava opresso de tristeza e de indignação. Diariamente encontrava no meu caminho campos abandonados, aldeias desertas, cidades em ruinas; muitas vezes encontrava antigos monumentos, fragmentos de templos, de palacios, de fortalezas; colunas, aquedutos, tumulos; e este espectáculo voltou o meu espirito para a meditação dos tempos idos, e suscitou no meu coração pensamentos graves e profundos».

Ruinas por toda a parte!

Hoje como ontem; no presente como no passado. Com esta differença apenas: a que vai do camartelo ao canhão 42.

Mas o facto culminante da brutalidade, da selvageria que caracteriza em especial esta lucta monstruosa, é o torpedamento do «Lusitania».

Esse crime espantoso não tem nenhuma especie de atenuante, porque não foi praticado no fragor da peleja, na convulsão do choque, no desespero da derrota; aquilo foi um crime premeditado, calculado, reflectido, a sangue frio, com a certeza absoluta da impunidade e sem um estremecimento de hesitação perante a perspectiva de centenaes de victimas indefesas: velhos, mulheres e crianças.

Esse crime hediondo salpicou de sangue 50 milhões de criaturas!

CONCEIÇÃO PIRES.

(Conclue)